

**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE PERNAMBUCO**

**CENTRO DE ESTUDOS  
AVANÇADOS**

**COORDENADORIA DE  
ESTUDOS DA ÁSIA**

# **BOLETIM DE CONJUNTURA**

**MATRIZES ENERGÉTICAS  
E MEIO AMBIENTE**

**N.º 01 - 1.º SEMESTRE/2021**





## **COORDENADOR GERAL**

Marcos Ferreira da Costa Lima

## **COORDENAÇÃO DA CURADORIA**

João Ricardo Cumarú

## **EQUIPE DE PESQUISA**

Amilson Albuquerque Limeira Filho

André Valente Maia

Emily Rafany Brito Muniz Teodoro

Fernanda Ferreira Chan

Marina Betetto Drezza

Tatiane Souza de Albuquerque

## **DESIGN E DIAGRAMAÇÃO**

Assucena Maria

Fernanda Bezerra

Marcela Linhares





## **EDITORIAL** ..... 03

## **ARTIGOS DE OPINIÃO**

Recuperação Econômica e Questões Ambientais na China pós COVID-19 ..... 05  
*Por André Maia*

Willkommen im Anthropozän (Bem-vindo ao Antropoceno): Uma Polêmica Tardia?! ..... 10  
*Por Amilson Albuquerque Limeira Filho*

A Responsabilidade Ambiental Chinesa com estrangeiros na Belt and Road Initiative ..... 14  
*Por Fernanda Ferreira Chan*

## **NOTÍCIAS** ..... 18

## **EVENTOS, CHAMADAS E EDITAIS** ..... 24



É com grata satisfação que venho saudar o primeiro número do Boletim de Conjuntura Matrizes Energéticas e Meio Ambiente, produzido pela Curadoria que leva o mesmo nome, Matrizes Energéticas e Meio Ambiente e que tem por Curador na CEÁSIA o mestre em Ciência Política, João Ricardo Cumarú.

Como todos sabemos, a questão tanto energética quanto ambiental não podem ser estudadas como se fossem fenômenos diferenciados. O filósofo Hans Jonas fala de um princípio de responsabilidade, que deve ser levado a sério por instituições e governos internacionais, locais, ONG's e grupos da Sociedade Civil. Trata-se, sem sombra de dúvidas, de uma emergência planetária que, se há 70 anos atrás não carregava a dramaticidade de hoje, deve dar respostas aos inúmeros desafios que a humanidade vem passando, como o degelo das calotas, o aumento do nível dos oceanos, as inundações e os incêndios, a deterioração do solo e da saúde humana, pelo uso sistemático dos pesticidas. Poderíamos ainda incluir o incêndio e destruição de florestas, a perda da biodiversidade tanto animal como vegetal, além de outros fatores articulados que devem ser entendidos como um processo conjunto, da violência com relação aos guardiões das florestas, indígenas e quilombolas e praticadas contra os pequenos produtores rurais.

São muitas as questões a serem visitadas, que não incluem apenas a China, mas os demais países asiáticos e suas relações com, por exemplo, os BRICS, a África e a América Latina.

De um ponto de vista mais metodológico, há todo um universo a ser explorado, que inclui a quarta revolução tecnológica e as inovações contemporâneas; as questões vinculadas ao espaço urbano: mobilidade, ar, água, moradia, trabalho, tudo o que faz diferença numa boa ambiência na construção de cidades sustentáveis e de bem-estar.

Sabemos que não podemos retornar ao mundo pré-pandemia e à economia neoliberal, que nos levará ao desastre. Devemos refletir sobre as novas possibilidades que se apresentam, na certeza de que esta é uma luta de todos. Não será uma luta fácil, mas que carece de uma nova epistemologia efetivamente capaz de criar uma “civilização ecológica”.

O Boletim está estruturado em um Editorial, três Artigos de Opinião, Notícias e Eventos, Chamadas e Editais.



Neste primeiro número, o artigo nº 1 trata da Recuperação econômica e questões ambientais na China pós COVID-19, por André Maia. Neste artigo Maia discute o dilema chinês entre manter o crescimento de sua economia e o comprometimento do líder chinês, Xi Jinping, reafirmando o compromisso delineado em seu discurso na Assembleia Geral da ONU, em setembro de 2020, em atingir o pico de emissões de CO2 antes de 2030 e a neutralidade até 2060.

O artigo nº2, *Willkommen im Anthropozän (Bem-vindo ao Antropoceno): uma polêmica tardia?!* por Amilson Albuquerque Limeira Filho faz uma reflexão sobre o conceito de Antropoceno. O autor nos diz que “Perceber-se no Antropoceno é, portanto, e antes de tudo, um ato político, que exigirá da comunidade internacional não só o amadurecimento de posturas decisórias voltadas à preservação da vida, como a própria readequação de práticas econômicas sem quedar-se em vazios semânticos ou estratégias puramente mercadológicas”.

O artigo de nº 3 *A responsabilidade ambiental chinesa com estrangeiros na Belt and Road Initiative*, por Fernanda Ferreira Chan, a autora aprofunda as possíveis contradições entre a necessidade de infraestruturas e a ampliação dos desgastes ambientais. Segundo ela, “Um ano após o nascimento da “nova rota da seda, a BRI, em 2013, foi elaborado o *Guidelines for Environmental Protection in Foreign Investment and Cooperation*, ainda que não seja sobre a ótica da BRI, foi o primeiro documento a inaugurar a responsabilidade ambiental para as empresas chinesas. Ainda que indiretamente, foi o *Guidance on Establishing the Green Financial System*, publicado em 31 de Agosto de 2016, que inaugurou o sistema financeiro verde da China, ou seja, o parâmetro inicial para pensar no desenvolvimento verde no país e fora dele”.

Façam uma boa leitura. E enviem os seus comentários.

### **Marcos Costa Lima**

Coordenador da Coordenadoria de Estudos da Ásia



CURADORIA DE MATRIZES  
ENERGÉTICAS E MEIO AMBIENTE



# **Recuperação econômica e questões ambientais na China pós COVID-19**

por André Maia

A situação pandêmica de COVID-19, enfrentada pela humanidade, tem colocado em confronto diversos elementos. Talvez a que tenha recebido maior atenção e fonte de debate, pelos governantes, veículos de comunicação e sociedade em geral, tenha sido a dualidade entre saúde e economia. Ainda que não seja possível dissociar as inúmeras esferas da vida no sistema capitalista, no qual vivemos hoje, e o seu impacto na sociedade, uma vez que, este sistema é resultado de processos históricos socialmente construídos, a economia é uma das esferas que recebe especial atenção, e conseqüentemente, relevante importância. A elevação da economia como um aspecto essencial para a manutenção do modelo de sociedade atual, traz consigo diversas conseqüências, dentre elas, aquelas que afetam o meio ambiente. Mesmo que políticas ambientais venham sendo elaboradas e implementadas nas últimas décadas, o cenário de pandemia global tem colocado a recuperação econômica acima das questões ambientais. Esta é a realidade chinesa ao longo do ano de 2020 e nos primeiros meses de 2021. Entretanto, as questões ambientais chinesas são conseqüência de um modelo de desenvolvimento econômico adotado mundi-

almente, que se associam a disputas econômicas e geopolíticas internalizadas em discursos críticos da realidade atual chinesa e duvidoso acerca da capacidade do país em cumprir as políticas propostas em relação ao meio ambiente.

O resultado econômico chinês, em 2020, contrariou todas as expectativas, acirrando ainda mais as disputas geopolíticas mundiais. Com um crescimento de 2,3%, o país foi a única grande economia do planeta a apresentar crescimento (TIME, 2021). As bases para isso estiveram assentadas em estímulos direcionados para setores da indústria pesada e de infraestrutura, que apresentam um alto consumo energético, como o siderúrgico, de cimento e químico, cujas evidências demonstraram o descumprimento de normas relacionadas a emissão de poluentes e tempo de operação (ECONOMY, 2021). Estas ações implicaram na ampliação do consumo de energia, cuja matriz energética ainda é fortemente dependente do carvão. Em 2020, o consumo de carvão teve um acréscimo de 0,6% comparado ao ano anterior (REUTERS, 2021), correspondendo a 56,8% no total da energia consumida, porém a participação foi inferior ao ano anterior, em que o carvão foi responsável



por 57,7% (TRIVIUM, 2021). A previsão da Associação Nacional de Carvão da China é que o consumo de carvão cresça 6% até 2025, assim como sua produção (CAIXIN, 2021). A maior parte do carvão consumido foi para geração de energia elétrica, 66% no ano de 2019. Nesse ponto, a participação da China tem aumentado, em 2015, a produção de energia elétrica oriunda do carvão no país representava 44% do total mundial, já em 2020 foi de 53% (REUTERS, 2021), e essa capacidade vem sendo ampliada. Em 2020, a capacidade ativada foi superior ao acumulado nos dois anos anteriores (ECONOMY, 2021). Outro setor que ampliou sua capacidade de produção foi o de refino de petróleo, que associado a redução da atividade em outros países tornou a China o maior refinador mundial em 2020 (ROCHA, 2021).

O aumento da atividade produtiva dos setores acima citados fez com as emissões de CO<sub>2</sub> aumentassem. Nos primeiros quatro meses de 2021 foi registrado um aumento de 9% em comparação ao período pré-pandemia (REUTERS, 2021), sendo o carvão responsável por mais de 75% das emissões. Isso demonstra a importância do recurso na geração de energia do país, que associado a outros recursos fósseis, fazem com que este seja responsável por 28% das emissões mundiais de CO<sub>2</sub>, percentual superior a de Estados Unidos, Índia e Rússia em conjunto (UNION OF CONCERNED SCIENTISTS, 2021). Para além das questões internas, o capital chinês

tem sido responsável por cerca de 25% do financiamento mundial e novas plantas de usinas a carvão (MCDONNELL, 2021), o que significa investimentos em outros países, principalmente através do projeto *Belt and Road Initiative*. Os compromissos chineses referente a questões ambientais internas e a atuação no exterior tem sido fonte de intensas críticas por parte de outros países, principalmente de Estados Unidos e Europa. Entretanto, é preciso considerar elementos presentes em uma disputa geopolítica entre esses países, o que pode comprometer os esforços ambientais chineses, como o caso da recente declaração do governo estadunidense de sancionar os painéis solares e outros componentes de energia renovável chineses produzidos na região de Xinjiang (KNICKMEYER, 2021). Além de que, a maior parte da matéria prima para produção desses painéis são oriundas dessa região, o que faz com que a China controle mais de 80% das reservas mundiais desse recurso (ECONOMY, 2021). As questões ambientais passaram a ser incorporadas nas políticas chinesas recentemente. Até então, os chineses eram reticentes a sacrificar o desenvolvimento econômico em prol da proteção ambiental. Essa resistência se dava principalmente dentro da estrutura da Organização das Nações Unidas (ONU), onde diplomatas argumentavam que os países, hoje desenvolvidos, deveriam arcar com a maior parte dos custos ambientais, visto que o crescimento econômico destes se deu em



um contexto sem limites para a exploração ambiental (MAIZLAND, 2021). Não obstante, esse posicionamento chinês não implicava numa recusa completa da adoção de políticas favoráveis a preservação ambiental, mas sim uma associação destas com o desenvolvimento econômico. Segundo alguns economistas chineses, somente através do desenvolvimento econômico é possível resolver os problemas ambientais (TIME, 2021). Esse discurso nos remete a uma discussão acerca do direito ao desenvolvimento dos povos e a ideia desenvolvida pelo economista sul-coreano Ha-Joon Chang, em seu livro *Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica*, na qual os países desenvolvidos buscam impedir o desenvolvimento dos demais através da limitação das políticas e instituições que foram utilizadas para o seu desenvolvimento. Recentemente, a China tem colocado em prática uma estratégia para construção de um futuro mais sustentável, buscando implementar novas tecnologias na área de energia e proteção ambiental. Assim, desde o 13º Plano Quinquenal (2016-2020) objetivava-se a ampliação de fontes energéticas renováveis, atingindo os 15% planejado (TRIVIUM, 2021). Em termos de investimentos no setor, dados de 2019 demonstraram que a China foi o país que mais investiu, com predominância de projetos eólicos, seguido de Japão e Índia, onde projetos solares foram os preferidos (JAGDEV, 2021).

Em 2020, a capacidade mundial eólica instalada cresceu 15%, sendo a China o maior contribuinte para esse acréscimo, responsável por 39% do total (RYSTAD ENERGY, 2021). Os investimentos em energia eólica e solar fazem com que aproximadamente 11% do consumo primário de energia tenham como fonte esses recursos (ECONOMY, 2021).

Todas essas ações estão inseridas nas políticas adotadas pelo governo chinês, as quais têm sido constantemente reafirmadas e ampliadas. O líder chinês, Xi Jinping, tem reafirmado o comprometimento delineado em seu discurso na Assembleia Geral da ONU, em setembro de 2020, em atingir o pico de emissões de CO<sub>2</sub> antes de 2030 e a neutralidade até 2060. Neste mesmo caminho, os planos são aumentar a participação de fontes não-fósseis no consumo energético primário em 25% e reduzir a intensidade de carbono em mais de 65% até o ano de 2030 (XINHUA, 2020). No aprofundamento dessas ações, o governo chinês lançou, no início de 2021, um sistema de comércio de emissões, que faz parte de um conjunto de iniciativas financeiras verde (RUDD; RITCHIE, 2021). Todas essas ações fazem parte de uma ideia chinesa de “civilização ecológica”, que está incluída no 14º Plano Quinquenal (2021-2025) como um dos objetivos para o desenvolvimento econômico e social do país e que representam os objetivos climáticos de longo prazo.

Ainda que, durante o seu processo de



desenvolvimento econômico, a China não tenha direcionado seus esforços em direção as questões ambientais, o êxito conquistado ao longo das últimas décadas tem levado o país a passar a considerar a proteção ambiental e a sustentabilidade. Essa trajetória chinesa se apresenta como uma oportunidade e desafio para a cooperação internacional na preservação ambiental. Ao mesmo tempo que a mitigação dos efeitos danosos da ação humana no planeta tem se demonstrado cada vez mais urgente, a competição por tecnologias e processos de manufatura, com menor impacto ao meio ambiente, tem potencial negativo no processo colaborativo multilateral. Apesar do inegável impacto ambiental que o desenvolvimento chinês provocou, o modelo adotado não se diferenciou daqueles adotados por outros países desenvolvidos. Além disso, as críticas dirigidas a China e uma costumeira descrença a qualquer objetivo estabelecido, tratam o país como uma unidade do sistema internacional e desconsideram que o país abriga aproximadamente 25% da população mundial. Ao considerarmos esse fato, o peso chinês em questões ambientais e no consumo energético em relação a cada pessoa é inferior a grande maioria dos países desenvolvidos, o que implica que, ao negligenciar-se essa análise, ignora-se um dos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU que garante o direito ao desenvolvimento, este sendo um processo econômico, social, cultural e

político e, conseqüentemente, estabelece-se um juízo de valor em que um indivíduo usufrui de mais direito que outro, o qual é determinado pelo seu local de nascimento. Sem embargo, a preservação ambiental não está dissociada do modelo de sociedade, e conseqüentemente, do modelo de desenvolvimento adotado por esta. Resta-nos refletir se estes modelos são compatíveis com a preservação do meio ambiente, mesmo que tenhamos uma migração dos recursos energéticos de origem fóssil para os renováveis, pois estes, ainda que provoquem menor impacto ambiental, são dependentes da exploração e extração dos recursos naturais que nos resta.

# Referências Bibliográficas



CAIXIN. China's Coal Consumption Predicted to Grow 6% by 2025. Disponível em: <https://www.caixinglobal.com/2021-03-04/chinas-coal-consumption-predicted-to-grow-6-by-2025-101670665.html>. Acesso em: 03 jun. 2021.

ECONOMY, Elizabeth. China's Climate Strategy. Disponível em: [https://www.prclleader.org/economy?utm\\_campaign=fc78b417-498b-4134-9cec-7f82ed2fdcba&utm\\_source=so&utm\\_medium=mail&cid=2717aa4c-64e3-4b83-9e32-09da80752fb6](https://www.prclleader.org/economy?utm_campaign=fc78b417-498b-4134-9cec-7f82ed2fdcba&utm_source=so&utm_medium=mail&cid=2717aa4c-64e3-4b83-9e32-09da80752fb6). Acesso em: 01 jun. 2021.

JAGDEV, Suman. Emergence of Asia-Pacific Renewable Energy Sector. Disponível em: <https://www.saurenergy.com/solar-energy-news/emergence-of-asia-pacific-renewable-energy-sector>. Acesso em: 29 mai. 2021.

KNICKMEYER, Ellen. Kerry: US weighs sanctions on China solar over forced labor. Disponível em: <https://apnews.com/article/china-middle-east-race-and-ethnicity-religion-forced-labor-7aed002b2719c5a530f104022b14b53e>. Acesso em: 20 mai. 2021.

MCDONNELL, Tim. The problem with China's new carbon trading market. Disponível em: <https://qz.com/1971281/the-problem-with-chinas-new-carbon-trading-market/>. Acesso em: 04 jun. 2021.

MAIZLAND, Lindsay. China's Fight Against Climate Change and Environmental Degradation. Disponível em: <https://www.cfr.org/background/china-climate-change-policies-environmental-degradation>. Acesso em: 31 mai. 2021.

REUTERS. China CO2 emissions 9% higher than pre-pandemic levels in Q1 -research. Disponível em: <https://www.reuters.com/business/sustainable-business/china-co2-emissions-9-higher-than-pre-pandemic-levels-q1-research-2021-05-20/>. Acesso em: 03 jun. 2021.

REUTERS. China's coal consumption set to rise in 2021 despite Beijing's carbon neutral goal. Disponível em: <https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/3123937/chinas-coal-consumption-set-rise-2021-despite-beijings-carbon>. Acesso em: 31 mai. 2021.

REUTERS. China generated over half world's coal-fired power in 2020: study. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-climate-change-china-coal/china-generated-over-half-worlds-coal-fired-power-in-2020-study-idUSKBN2BK0PZ>. Acesso em: 03 jun. 2021.

ROCHA, Isaque. China ultrapassa os EUA como maior refinador do mundo. Disponível em: <https://opetroleo.com.br/china-ultrapassa-eua-como-maior-refinador-mundo/>. Acesso em 31 mai. 2021.

RYSTAD ENERGY. Global installed offshore wind capacity to see 37% growth in 2021, fueled by China. Disponível em: [https://www.rystadenergy.com/newsevents/news/press-releases/global-installed-offshore-wind-capacity-to-see-37pct-growth-in-2021-fueled-by-china/?utm\\_source=Sugar+Market&utm\\_medium=newsletter&utm\\_campaign=RE+Insights+February](https://www.rystadenergy.com/newsevents/news/press-releases/global-installed-offshore-wind-capacity-to-see-37pct-growth-in-2021-fueled-by-china/?utm_source=Sugar+Market&utm_medium=newsletter&utm_campaign=RE+Insights+February). Acesso em: 11 mar. 2021.

RUDD, Kevin; RITCHIE, Alistair. China's vital emissions trading scheme. Disponível em: <https://asia.nikkei.com/Opinion/China-s-vital-emissions-trading-scheme>. Acesso em 10 mar. 2021.

TIME. The Environmental Challenges of China's Recovery After COVID-19. Disponível em: <https://time.com/5935138/chinas-environment-economic-recovery/>. Acesso em: 31 mai. 2021.

TRIVIUM. It's not all bad news. Disponível em: <https://triviumchina.com/2021/03/09/its-not-all-bad-news/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

UNION OF CONCERNED SCIENTISTS. Each Country's Share of CO2 Emissions. <https://www.ucsusa.org/resources/each-countrys-share-co2-emissions>

XINHUA. Remarks by Chinese President Xi Jinping at Climate Ambition Summit. [http://www.xinhuanet.com/english/2020-12/12/c\\_139584803.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2020-12/12/c_139584803.htm)



## **Willkommen im Anthropozän (Bem-vindo ao Antropoceno): uma polêmica tardia?!**

por Amilson Albuquerque Limeira Filho

Consumismo, racionalidade e imprevisibilidade são marcas do homem contemporâneo, que ao longo dos séculos tem trilhado percurso geológico diferenciado em relação às demais espécies, direcionando esforços à conquista de territórios, apropriação de recursos, extração de matérias-primas, beneficiamento e comercialização de produtos em escalas cada vez mais amplas, tensionando limites geográficos e minimizando-lhes em proporções nunca antes vistas, graças aos reflexos do fenômeno globalizante.

A travessia de uma época situada nos limites do recuo glacial, inaugurada pelo Holoceno, rumo ao desconcertante estado de arte do Antropoceno, não reduz, no entanto, a discussão ao seu viés meramente categórico, quer seja por indicar renovado estilo de vida sublinhado por práticas econômicas, sociais e culturais idiossincráticas, ou mesmo por reavaliar os impactos das relações humanas, considerando suas crescentes interferências, com subsequente geração de externalidades, sugerindo o aumento da velocidade das ações antrópicas em um contexto de grave crise pandêmica, cujas projeções já ultrapassam alguns limites planetários (MÖLLERS; SCHWÄGERL; TRISCHLER, 2015).

Em interessante publicação, porém não menos preocupante, Steffen et al. (2015) elenca, em rol numérico, os principais limites planetários (planetary boundaries) em risco no contexto antropocênico, considerando como padrões de segurança vital os seguintes parâmetros: i) mudanças climáticas; ii) diminuição de ozônio estratosférico; iii) acidificação dos oceanos; iv) alterações dos ciclos biogeoquímicos de nitrogênio e fósforo; v) perda da biodiversidade; vi) mudanças no uso do solo; vii) uso de recursos hídricos em larga escala; viii) utilização de aerossóis com geração de partículas na atmosfera; ix) geração de externalidades ambientais. Pondera-se, em razão de divergências científicas, que embora não existam consensos acerca dos coeficientes que determinam possíveis avanços dos limites de seguridade, fato é que nosso planeta já ocupa múltiplas posições de risco que se interconectam, reconhecendo-se a ultrapassagem de pelo menos dois destes limites: perda de biodiversidade e adição de nitrogênio e fósforo ao solo, o, com aproximação crítica dos coeficientes limitantes que determinam os processos de mudanças climáticas e de alterações no uso do solo (ARTAXO, 2014, p. 21), indicando a irreversibilidade de



um processo complexo de mudanças que afetam não só o equilíbrio climático planetário, como também a própria integridade das relações ecossistêmicas. A contragosto do pensamento politicamente correto, partindo de um sentido contrário ao discurso emitido pelo controverso Clube de Roma, e cuja disseminação influenciou, historicamente, parcela considerável de ecólogos e ambientalistas de todo o mundo, uma leitura amorfa do conceito de Antropoceno, radicada dos reais fatores que lhe determinam, como uma espécie de constatação científica universalmente válida, pode conduzir o leitor à disparidade de dados, coeficientes referenciais nem sempre convergentes e constatações, no mínimo, ambíguas, inconclusivas ou mesmo incoerentes, já que suas nuances são materialmente condicionadas e oscilam em diferentes sistemas econômicos.

Teóricos como Moore, por exemplo, chegam mesmo a se questionar: se, afinal de contas, referido conceito já não se encontraria ultrapassado em decorrência dos reflexos de uma crise da racionalidade do sistema capitalista? Segundo o autor, tais circunstâncias indicam a existência de uma época ainda mais específica, com características bem delimitadas, a qual denomina de “Capitoloceno” (MOORE, 2016), considerando a substancial relevância do modelo econômico capitalista nos avanços dos limites planetários.

Exemplo claro e ilustrativo pode ser obtido na China, cujo perfil econômico permite infe-

rir que, embora seja o maior emissor mundial de gases de efeito estufa (GEE) desde 2007, vindo a ultrapassar os Estados Unidos da América, ocupa, no entanto, posição global estratégica nas negociações climáticas, sobretudo pelo seu status e influência junto ao G77, tendo participado assiduamente durante a elaboração da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (CQNUMC), em 1992, e definição do Protocolo de Kyoto (PK), em 1997 (RIBEIRO, 2005), atuando, inclusive, mais recentemente, na condição de nação observadora durante a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP18), realizada em Doha, no Qatar, em 2012.

Reconhece-se, ainda, que se muito embora a adoção de um Projeto de Abertura e Reforma Econômica tenha ampliado a quantidade de problemas relacionados à escassez de terras aráveis, gerando externalidades e aumento expressivo da demanda por recursos energéticos, atingindo cerca de 75% dos rios e lagos e comprometendo, inclusive, 90% das águas subterrâneas urbanas (sendo 28% de seus corpos hídricos tóxicos, sem serventia nenhuma para uso agrícola), repercutindo na redução da quantidade de aquíferos subterrâneos (SHAPIRO, 2012), a implantação de políticas ambientais, por outro lado, tem inaugurado novo cenário no país, ainda que essencialmente motivada por fins desenvolvimentistas (LYRIO, 2010; ZHANG, 2011), o que se traduz na adoção



de um modelo econômico de baixo-carbono, preconizado, outrora, pelo ambicioso Projeto de Reforma chinês.

Entre aceleracionistas, ecomodernistas e Terranos (BEZERRA, 2017), o conflito que teria impulsionado a criação de uma Comissão Internacional de Estratigrafia (International Commission on Stratigraphy - ICS), motivada pela suspeita de pretensa tutela mercadológica em prol de interesses setoriais (agro)industriais específicos (SQS, 2019), adquire, atualmente, roupagem discursiva e estratégica no plano do comércio internacional, sobretudo quando se considera a gradativa relevância que nações emergentes passam a adquirir no dinâmico contexto do comércio internacional, pulverizado por influências econômicas periféricas e fadado à possíveis cisões hegemônicas.

A regência tardia de fenômenos que aparentemente fogem ao controle da humanidade traz consigo a imediação de um paradigma de invencibilidade ou irrefreabilidade, ambientado em diferentes “ares” (DELEUZE, 2013) e moldado narrativa e institucionalmente, merecendo destaque o alerta de renomado antropólogo Latour (2016, p. 63), ao reconhecer que “quanto mais avançamos no tempo, menos fica possível distinguir a ação humana, o uso das técnicas, a passagem pelas ciências e a invasão da política”, e isso se deve, em parte, pela disputa político-ideológica dos conhecimentos científica-

mente produzidos, e, complementarmente, pelo valor econômico e decisório que tais parâmetros passam a ter no contexto da economia global.

Perceber-se no Antropoceno é, portanto, e antes de tudo, um ato político que exigirá da comunidade internacional não só o amadurecimento de posturas decisórias voltadas à preservação da vida, como a própria readequação de práticas econômicas sem quedar-se em vazios semânticos ou estratégias puramente mercadológicas. Este exercício de simbiose reivindica uma retomada da consciência do valor da vida no âmbito dos sistemas econômicos, o que poderá ser influenciado pelos atuais processos de governança, ações individuais, sociais, setoriais, institucionais, estatais e paraestatais, ou, ainda, mediante determinações, acordos e convenções de coletividades intergovernamentais e organizações internacionais, imbuídos de um ideal comum que, paradoxalmente, resgata a responsabilidade do homem, centralizando-a em virtude da manutenção de sua existência presente e futura. Bem-vindos à revisitação do Antropoceno!

# Referências Bibliográficas



ARTAXO, P. Revista USP, São Paulo, n. 103, p. 13-24, 2014. disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/99279/97695/172868>>. Acesso em: 09 jun. 2021.

BEZERRA, R. V. M. Tornarmo-nos Terranos no Antropoceno: estamos atrasados? In: Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, Instituto de Estudos Brasileiros, USP, Anais... São Paulo: USP, maio 2017, p. 20-42. Disponível em: <<https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/download/2739/2602/>>. Acesso em: 09 jun. 2021.

DELEUZE, G. Conversações. 3ª ed. São Paulo: 34, 2013.

LATOUR, B. Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas. São Paulo: Editora 34, 2016.

LYRIO, M. C. A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos. Brasília: Funag, 2010.

MÖLLERS, N.; SCHWÄGERL, C.; TRISCHLER, H. Willkommen im Anthropozän: Unsere Verantwortung für die Zukunft der Erde Gebundene Ausgabe. Deutsches Museum, 2015.

MOORE, J. W. Anthropocene or capitalocene? Nature, history, and the crisis of capitalism. Kairos: Oakland, CA, 2016.

RIBEIRO, W. C. A ordem ambiental internacional. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SHAPIRO, J. China's Environmental Challenges. Cambridge: Polity Press, 2012.

SQS, Subcommission on Quaternary Stratigraphy. Working Group on the 'Anthropocene', maio 2019. Disponível em: <[quaternary.stratigraphy.org/working-groups/anthropocene/](http://quaternary.stratigraphy.org/working-groups/anthropocene/)>. Acesso em: 09 jun. 2021.

STEFFEN, W. et al. "Planetary Boundaries: Guiding Human Development on a Changing Planet". Science, v. 347, p. 736-46, 2015.

ZHANG, Z. X. Energy and Environmental Policy in China. Towards a Low-carbon Economy. New horizons in environmental economics. Cheltenham, UK/Northampton, MA: Edward Elgar, 2011.



## A responsabilidade ambiental chinesa com estrangeiros na Belt and Road Initiative

por Fernanda Ferreira Chan

Uma das iniciativas financeiras mais promissoras da economia global atualmente talvez seja aquela traduzida no ambicioso projeto da *One Belt One Road*, conhecida também como *Belt and Road Initiative* (BRI). Trata-se de uma reestruturação geoeconômica transcontinental que causará significativos impactos no comércio e nos investimentos internacionais, revivendo no século XXI os caminhos comerciais milenares da antiga Rota da Seda, que conectavam o Ocidente e o Oriente.

O desenvolvimento da China tem sido um dos mais notáveis processos geoeconômicos e geopolíticos da história, pela velocidade e dimensão (territorial e demográfica) que demonstram essa iniciativa ainda mais forte. O país está em uma ascensão acelerada em seu desenvolvimento e poder globais, dado que possui acordos de cooperação e desenvolvimento econômico com países e organizações internacionais e investe com altos valores em uma extensa rede de infraestrutura, comércio e cooperação econômica (BRUNO; RIBEIRO, 2017).

Em 2019, a China já tinha assinado 173 acordos de cooperação, com cerca de 100 países e 29 organizações internacionais (EXAME, 2019). Os principais projetos da

iniciativa são de rotas terrestres e marinhas, que possuem como objetivo integrar os países Europeus, Asiáticos e Africanos, com recentes investimentos na América Latina também.

Além disso, a BRI é uma saída à retração econômica vivenciada, sobretudo pelo ocidente, causada pela crise mundial desde 2008, tendo o enfoque em facilitar e ampliar a importação de produtos primários e insumos energéticos para a China e aumentar tanto a exportação de seus produtos industrializados, quanto o seu mercado consumidor.

Para que os fluxos mencionados acima ocorram, altos investimentos chineses estão sendo feitos em áreas que impactam muito negativamente o meio ambiente, já que o setor de infraestruturas demanda altas concentrações de aço e concreto (HUGHES, 2019), o que em um primeiro olhar parece copiar o que as corporações ocidentais há anos fazem mundo afora.

Mas a verdade é que a China pode estar se esforçando para ser uma investidora global ambientalmente responsável (*Belt and Road Portal*, 2017a), especialmente através de políticas de governança ambiental para a BRI (BIERMANN, 2009) já que a BRI é gerida por vários arranjos de governança



independentes, mas em interação, e que geralmente não são consideradas nos estudos de governança ambiental, pois não são mecanismos internacionais formalmente existentes (DAUVERGNE; CLAPP, 2016).

A nossa intenção é apresentar, logo abaixo, algumas destas políticas oriundas da governança chinesa, que regem aspectos ambientais da BRI, com os países que já assinaram os acordos da BRI, bem como, com os futuros parceiros.

Um ano após o nascimento da “nova rota da seda, a BRI, em 2013, foi elaborado o *Guidelines for Environmental Protection in Foreign Investment and Cooperation*, ainda que não seja sobre a ótica da BRI, foi o primeiro documento a inaugurar a responsabilidade ambiental para as empresas chinesas. Ainda que indiretamente, foi o *Guidance on Establishing the Green Financial System*, publicado em 31 de Agosto de 2016, que inaugurou o sistema financeiro verde da China, ou seja, o parâmetro inicial para pensar no desenvolvimento verde no país e fora dele.

O primeiro grande passo para ação para além das fronteiras chinesas, ocorreu através do lançamento do *Guidelines on Further Guiding and Regulating Overseas*, publicado em 04 de Agosto de 2017, nele encontram-se regulamentos para investimento no exterior com base na cooperação aberta e verde, tendo em destaque a norma IV, ponto nº 5, onde há a defesa da limitação de investimento chinês

no exterior quando não se atende questões de proteção ambiental, consumo de energia e padrões de segurança do país destinatário. O segundo grande passo e provavelmente o mais conhecido, foi o *Guidance on Promoting Green Belt and Road*, publicado em 05 de Agosto de 2017 pelo Ministério de Ecologia e Meio Ambiente da China, afinal, é neste documento que nasce o “*Green Belt and Road*”, um esforço essencial para participar da governança ambiental global e promover o conceito de desenvolvimento verde, enquanto ocorre o desenvolvimento das estruturas e investimentos nos países da BRI, lembrando que o desenvolvimento verde é um modelo de desenvolvimento baseado no conceito de desenvolvimento sustentável e que prioriza o baixo carbono para transformar a civilização industrial em civilização ecológica.

No documento instrucional mencionado acima, podemos ainda ver que nas cinco áreas prioritárias de ação da Green Belt and Road, se aborda pela primeira vez e com mais profundidade a promoção da comunicação e cooperação para realizar avaliações de impactos e riscos ambientais nos países ao longo da BRI, bem como, a formulação de medidas políticas de responsabilidade e proteção ambiental para as indústrias chinesas.

A partir deste momento, mais documentos instrucionais para o desenvolvimento verde no além-mar começam a ser lançados por vários órgãos da China, são no total 15 para *Green Belt and Road* e 1 para a *Arctic*



*Silk Road*. Entre documentos, o governo chinês também realizou dois fóruns de cooperação internacional na BRI, destaque para o segundo encontro, realizado entre os dias 25 e 27 de abril de 2019 que criou a *Belt and Road Initiative International Green Development Coalition (BRIGC or The Coalition)*, uma coalizão pensada para reunir experiências ambientais dos países ao longo do BRI, a fim de trazer desenvolvimento verde e sustentável de longo prazo para todos os países interessados no cumprimento dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, segundo a PNUMA, atualmente são 134 parceiros na coalizão, incluindo 26 ministérios do Meio Ambiente de Estados Membros da ONU.

E frente a pandemia, destaque também para o *Green Development Guidance for BRI Projects Baseline Study Report*, um relatório de estudo de base publicado dia 1º de Dezembro de 2020 pelo BRIGC, em que são apresentadas normas claras e operacionais para ajudar todos os países interessados em acelerar os investimentos verdes, de baixo carbono e sustentáveis em projetos BRI, dentro de um contexto de recuperação e resiliência pós-covid-19.

Para além destas responsabilidades elaboradas por ministérios e comissões, ou seja, membros do Conselho de Estado Chinês - constitucionalmente denominado Governo Popular Central - mais próximo da sociedade encontramos a Suprema Corte Popular da China, tornando a relação dos

chineses com os territórios estrangeiros, mais verde e sustentável possível. Em dezembro de 2019, a Suprema Corte Popular da China declarou que o sistema judiciário do país consideraria julgar casos envolvendo empresas chinesas, sobre litígios ambientais em territórios estrangeiros e em maio de 2020, reforçou a busca por resolução de litígios, sob o conceito de “prática da justiça ambiental em países ao longo do BRI”. (*China’s Court*, 2020).

Vemos assim que para além do Conselho de Estado, o judiciário chinês também já percebeu a importância das questões ambientais associadas aos investimentos chineses em outros países, como BRI, isto mostra que o governo chinês pode estar tomando consciência de fato sobre os impactos ambientais no exterior.

Sendo assim, é importante pensarmos nestes arranjos da governança chinesa, não nos restringindo a análise dos mecanismos já conhecidos no sistema internacional. É preciso pensar que os esforços mencionados apontam que por meio da BRI, a China pode assumir de fato uma responsabilidade ambiental, enquanto investe globalmente.





## JANEIRO

### Perspectiva chinesa em alcançar 120 GW de nova capacidade eólica e solar em 2021 encontra empecilhos

Segundo a consultoria Asia Europe Clean Energy Advisory (AECEA), a meta chinesa de atingir 120 GW de nova capacidade solar e eólica em 2021 poderá não ser alcançada devido às restrições de rede. A avaliação relata que a meta foi ponderada pela National Energy Administration (NEA) durante uma reunião em dezembro, após o compromisso do presidente Xi Jinping em chegar, nessa década, a uma geração renovável de 1.2 terawatts (TW).

**Link:**

<https://www.energyvoice.com/oilandgas/309886/blocked-suez-canal-halts-key-oil-and-lng-trade-flows/>

### O governo Biden já está pedindo à China que faça mais com relação às mudanças climáticas

O presidente norte-americano Joe Biden anunciou a reentrada do país no Acordo de Paris. O Enviado Presidencial Especial para o Clima, John Kerry, quer que o mundo saiba que essa iniciativa marcará o início de uma grande reversão de política no segundo maior emissor de gases de efeito estufa do mundo, atrás apenas da China, após quatro anos durante os quais a administração de Trump criticou a ciência do clima e reverteu a regulamentação ambiental para maximizar o desenvolvimento de combustíveis fósseis.

**Link:** <https://time.com/5933657/john-kerry-china-climate-change/>

## FEVEREIRO

### Capacidade eólica offshore instalada globalmente terá um crescimento de 37% em 2021, alimentado pela China

A Rystad Energy espera que a capacidade eólica offshore instalada globalmente aumente ainda mais em 11,8 GW em 2021, um aumento de 37% em comparação com os 31,9 GW de 2020. A China continuará liderando as novas adições de capacidade, contribuindo com 63% do crescimento esperado.

**Link:**

[https://www.rystadenergy.com/newsevents/news/press-releases/global-installed-offshore-wind-capacity-to-see-37pct-growth-in-2021-fueled-by-china/?utm\\_source=Sugar+Market&utm\\_medium=newsletter&utm\\_campaign=RE+Insights+February](https://www.rystadenergy.com/newsevents/news/press-releases/global-installed-offshore-wind-capacity-to-see-37pct-growth-in-2021-fueled-by-china/?utm_source=Sugar+Market&utm_medium=newsletter&utm_campaign=RE+Insights+February)

### Reunião regional da ONU para focar a transição energética na Ásia-Pacífico durante COVID-19

Funcionários de governo e partes interessadas de 53 países se reuniram em fevereiro para discutir a transição energética no contexto da pandemia COVID-19, com foco em soluções políticas para um futuro energético mais verde, mais resiliente e inclusivo na Ásia e no Pacífico.

**Link:** <https://www.unescap.org/news/un-regional-meeting-focus-energy-transition-asia-pacific-during-covid-19>

### Povos indígenas 'sob ameaça' do impulso de energia limpa na Ásia

A usina de 25 megawatts começou a operar em março do ano passado, apesar das preocupações dos moradores sobre seus efeitos na saúde, sua proximidade com uma escola local e o compartilhamento de água de um canal que eles usavam para pescar e suas plantações de borracha e arroz.

**Link:** <https://www.reuters.com/article/us-landrights-renewables-environment-fea-idUSKBN2A903H>

### Austrália, Japão e Vietnã lideram mudança de energia renovável na Ásia-Pacífico

Austrália, Japão e Vietnã estão liderando a mudança para energia renovável na Ásia-Pacífico, de acordo com a pesquisa mais recente da IHS Markit. Significativamente, as usinas de carvão e gás também estão sendo construídas em um ritmo acelerado como parte da matriz energética da região.

**Link:** <https://www.energyvoice.com/renewables-energy-transition/299764/australia-japan-and-vietnam-lead-renewable-energy-shift-in-asia-pacific/>



## MARÇO

### Comunidade amazônica abre o primeiro processo climático do Equador

Um grupo de indígenas da Amazônia está levando um braço local de uma das maiores empresas de petróleo da China a um tribunal no primeiro grande caso de litígio de mudança climática do Equador.

**Link:** [https://dialogochino.net/en/climate-energy/40775-amazonian-community-launches-ecuadors-first-climate-lawsuit/?mc\\_cid=f965ccf109&mc\\_eid=ea8dd38f08](https://dialogochino.net/en/climate-energy/40775-amazonian-community-launches-ecuadors-first-climate-lawsuit/?mc_cid=f965ccf109&mc_eid=ea8dd38f08)

### EUA e China se engajam, provisoriamente, nas mudanças climáticas

No âmbito do G20, e apesar das relações tensas entre EUA e China, há fortes indícios de que um grupo de estudo com foco em riscos financeiros relacionados ao clima, copresidido por ambos, pode surgir em detrimento do interesse dos dois países em cooperarem por uma causa comum que é a mudança climática. Para alguns aspectos ainda não está muito claro, como a agenda do grupo, e mesmo quem os EUA nomeará como copresidente, mas para a China, já há um nome, Sr. Ma Jun, e para ele há esperança de que o grupo de estudo seja na verdade um grupo de trabalho, de modo que pode recomendar políticas de fato.

**Link:** <https://www.wsj.com/articles/u-s-and-china-engage-tentatively-on-climate-change-11615301108>

### Canal de Suez bloqueado interrompe os principais fluxos de comércio de petróleo e GNL

A precipitação de um dos maiores navios porta-contêineres do mundo que ficou preso no Canal de Suez do Egito está interrompendo os embarques de petróleo e GNL. Os preços do petróleo já estão subindo, uma vez que o ponto de estrangulamento dos embarques mundiais está definido para ser cortado por pelo menos mais dois dias.

**Link:** <https://www.energyvoice.com/oilandgas/309886/blocked-suez-canal-halts-key-oil-and-lng-trade-flows/>

### A China deve priorizar o 'desenvolvimento verde', mas será o suficiente para atingir o pico de emissões nesta década?

De acordo com a ONU, o mundo ainda precisa aumentar drasticamente seus compromissos climáticos para evitar desastres. A China prometeu que suas emissões atingirão o pico em 2030 - e reuniões políticas em Pequim podem em breve revelar detalhes sobre, e como, isso provavelmente acontecerá.

**Link:** <https://supchina.com/2021/03/03/china-to-prioritize-green-development-but-will-it-be-enough-to-peak-emissions-this-decade/>

### A geopolítica das cadeias de suprimento de minerais críticos

À medida em que a tecnologia de energia limpa se torna a mais recente fronteira para a rivalidade geoeconômica, a segurança das cadeias de abastecimento de terras raras, minerais e materiais essenciais para energia limpa, tornaram-se uma questão estratégica global.

**Link:** <https://www.csis.org/analysis/geopolitics-critical-minerals-supply-chains>

### O que o 14º Plano Quinquenal chinês significa para as mudanças climáticas?

No encontro anual das Duas Sessões, o governo chinês aprovou o 14.º Plano Quinquenal. O documento influenciará as políticas de desenvolvimento econômico do país, além de suas políticas climáticas para a próxima década. Em suma, o plano define uma meta de redução de 18% para "intensidade de CO2" e meta de redução de 13,5% para "intensidade de energia" de 2021 a 2025.

**Link:** <https://www.carbonbrief.org/qa-what-does-chinas-14th-five-year-plan-mean-for-climate-change>

### China coloca energia nuclear e eliminação de resíduos em primeiro plano na tentativa de cumprir as metas climáticas

A China planeja construir mais instalações para lidar com resíduos de usinas nucleares nos próximos cinco anos, à medida que acelera o desenvolvimento da indústria em uma tentativa de cumprir metas climáticas ambiciosas.

**Link:** <https://cutt.ly/AQ7bqBq>



## ABRIL

### China olha para o Ártico para evitar outra desaceleração de Suez

A China está apostando no Ártico tanto para obter recursos naturais como para usufruir de uma futura e provável rota marítima segura de obstruções, como a ocorrida no Canal de Suez recentemente, e mais rápida que a mencionada anteriormente. Em janeiro de 2018, a China introduziu sua *Arctic Policy*, onde declarou que o país é um Estado "Próximo ao Ártico", no intuito de aproximar-se da exploração de petróleo, gás natural e outros recursos naturais que a região abriga, mas também de posicionar-se melhor frente ao Oceano Ártico, no intuito de utilizar a rota que o atravessa, a Rota Transpolar.

**Link:** <https://nationalinterest.org/feature/china-looks-arctic-avoid-another-suez-slowdown-181715>

### China ultrapassa os EUA como maior refinador do mundo

À medida que a mudança na demanda de petróleo da Covid-19 virava a mesa dos níveis regionais de produção e exportação de combustível, a China conseguiu ultrapassar os EUA como o maior refinador de petróleo do mundo em 2020. À medida que a China começou a aumentar sua capacidade de refino durante a pandemia, a *US Energy Information Administration* (EIA) publicou dados mostrando que a China processou mais petróleo bruto do que os EUA em grande parte de 2020.

**Link:** <https://opetroleo.com.br/china-ultrapassa-eua-como-maior-refinador-mundo/>

### As minas de bitcoin da China podem atrapalhar as metas de neutralidade de carbono, diz estudo

A operação massiva de mineração de bitcoin da China pode minar os esforços do país para reduzir as emissões, a menos que o governo intervenha, de acordo com um novo estudo.

**Link:** [https://www.scmp.com/news/china/science/article/3128653/chinas-bitcoin-mines-could-derail-carbon-neutrality-goals-study?utm\\_medium=email&utm\\_source=mailchimp&utm\\_campaign=enlz-tech\\_wrap\\_beyondthebay&utm\\_content=20210528&utm\\_pcc=enlz-tech\\_wrap\\_beyondthebay&MCUID=aa005c0b7c&MCCampaignID=9832b9d95b&MCAccountID=3775521f5f542047246d9c827&tc=6](https://www.scmp.com/news/china/science/article/3128653/chinas-bitcoin-mines-could-derail-carbon-neutrality-goals-study?utm_medium=email&utm_source=mailchimp&utm_campaign=enlz-tech_wrap_beyondthebay&utm_content=20210528&utm_pcc=enlz-tech_wrap_beyondthebay&MCUID=aa005c0b7c&MCCampaignID=9832b9d95b&MCAccountID=3775521f5f542047246d9c827&tc=6)

### China perfura fundo no disputado Mar do Sul da China

A China perfurou fundo no Mar do Sul da China para recuperar núcleos de sedimentos do fundo do mar em meio a tensões sobre águas disputadas com os requerentes rivais de Taiwan e Filipinas, bem como com os Estados Unidos. A China procura explorar os recursos de hidrato de gás natural no fundo do mar. Esses recursos são cristais sólidos de gelo formados a partir de uma mistura de metano e água que são apontados como uma fonte promissora de energia.

**Link:** <https://www.reuters.com/article/us-southchinasea-china-drilling-idUSKBN2BV21L>

### Nova conta de energia não resolverá os problemas de energia da Indonésia

A Indonésia está à beira de uma revolução energética. Mas com as emissões ainda crescendo, sua trajetória de mix de energia se tornou o assunto de um debate acalorado, com startups renováveis disputando espaço com indústrias, como carvão.

**Link:** <https://asiatimes.com/2021/04/new-energy-bill-wont-solve-indonesias-energy-woes/>

### EUA e a China se comprometem a "adotar medidas climáticas aprimoradas" após as negociações de Kerry em Xangai

A China pareceu aceitar a proposta do enviado dos EUA para o clima, John Kerry, de que a mudança climática seja tratada como uma questão autônoma nas relações. Após a Cúpula dos Líderes sobre o Clima, os EUA e China lançaram uma declaração conjunta em que se comprometem a cooperar em áreas de interesse político comum, incluindo o investimento internacional e financiamento para apoiar a transição para a energia verde nos países em desenvolvimento.

**Link:** <https://supchina.com/2021/04/19/u-s-and-china-commit-to-taking-enhanced-climate-actions-after-kerrys-negotiations-in-shanghai/>



## Inaugurado o Ano de Cooperação China-CEEC sobre Desenvolvimento Verde e Proteção Ambiental

Em 20 de abril deste ano, houve a inauguração do “Ano da Cooperação China e CEEC (países da Europa Central e Oriental) sobre Desenvolvimento Verde e Proteção Ambiental da Cooperação”. O vice-ministro das Relações Exteriores da China explicou que ocorrerão diversas atividades para promoção de intercâmbio e cooperações, entre governos, empresas e instituições de pesquisa das regiões. O Ministério de Ecologia e Meio Ambiente da China junto a secretaria da Cooperação China-CEEC trabalharão conjuntamente e sob o lema “águas limpas e montanhas verdes são tão valiosas quanto montanhas de ouro e prata”.

**Link:**

<http://portuguese.cri.cn/news/china/407/20210421/652967.html>

## Japão olha para Vietnã para acordo de compartilhamento de petróleo da ASEAN

O Japão tem como alvo o Vietnã para o que será seu primeiro acordo de partilha de petróleo com uma nação do sudeste asiático, enquanto Tóquio tenta garantir um fornecimento ininterrupto de petróleo das cadeias de abastecimento no exterior no caso de uma interrupção.

**Link:**

<https://www.energyvoice.com/oilandgas/asia/316429/japan-eyes-vietnam-for-asean-oil-sharing-deal/>

## Índia e Japão colaborarão na inovação de tecnologias baseadas em hidrogênio

Especialistas da Índia e do Japão discutiram as possibilidades de colaboração para a promoção de tecnologias baseadas em hidrogênio. Eles também exploraram inovações, tendências, preocupações e soluções relacionadas em um *webinar* sobre Descarbonização: Explorando as Perspectivas do Hidrogênio e Tecnologias Inovadoras.

**Link:** <https://opengovasia.com/india-japan-to-collaborate-on-innovation-for-hydrogen-based-technologies/>

## A Rota da Seda do Gás: Negócios de Energia da Ásia Central para a Europa

A Ásia Central possui um papel significativo no equilíbrio geopolítico global, uma vez que engloba inúmeros canais de comércio que ligam muitas empresas a milhões de clientes-alvo da China a Portugal e vice-versa. Além disso, por ter potenciais de hidrocarbonetos abundantes, a região oferece tremendas oportunidades para os jogadores globais e locais.

**Link:** <https://modern diplomacy.eu/2021/04/27/the-silk-road-of-gas-energy-business-from-central-asia-to-europe/>

## MAIO

### Primeiro Tratado de Investimentos do Japão reivindica disputas sobre energia renovável na Ásia

A transição energética global para neutralizar os impactos das mudanças climáticas tem visto um enorme crescimento de investimentos em projetos de energia renovável em todo o mundo. Com a China prometendo ser neutra em carbono até 2060 e outros países seguindo o exemplo, existem amplas oportunidades de investimento em energias renováveis. No entanto, as mudanças no ambiente regulatório, político e tecnológico do setor de energia renovável apresentam riscos reais para os investidores. Esses riscos provavelmente levarão a um aumento nas disputas entre investidores, países anfitriões e partes contratantes comerciais.

**Link:** <https://www.lexology.com/library/detail.aspx?g=493f9530-cec3-4188-8b9a-0ec85b75aab2>

### Os limites da cooperação climática EUA-China

Nesse artigo de opinião do *Project Syndicate*, o autor afirma que o mundo precisa desesperadamente que os Estados Unidos e a China colaborem na abordagem da mudança climática, mas ninguém deve alimentar ilusões. O melhor que se pode esperar é que as duas superpotências sejam disciplinadas o suficiente para evitar colocar em risco a sobrevivência da humanidade enquanto lutam por vantagens geopolíticas.

**Link:** <https://www.project-syndicate.org/commentary/biden-xi-limits-to-us-china-climate-cooperation-by-minxin-pei-2021-05>



## Banco Asiático de Desenvolvimento planeja saída do financiamento de carvão

O Banco Asiático de Desenvolvimento (ADB) encerrará todo o financiamento para mineração de carvão e usinas de energia e proibirá o apoio à produção de petróleo e gás, de acordo com um projeto de política energética divulgado.

**Link:**

<https://www.climatechangenews.com/2021/05/07/asia-development-bank-plans-exit-coal-finance/>

## Kerry: EUA avaliam sanções sobre o mercado de energia solar da China sobre trabalho forçado

O governo Biden está considerando sanções sobre o suposto uso de trabalho forçado pela China na produção de painéis solares e outros componentes de energia renovável, disse o enviado climático John Kerry.

**Link:** <https://apnews.com/article/china-middle-east-race-and-ethnicity-religion-forced-labor-7aed002b2719c5a530f104022b14b53e>

## China abre mercado nacional de carbono

A fim de padronizar ainda mais o registro, comércio e atividades de liquidação de direitos de emissão de carbono nacionais e proteger os direitos e interesses legítimos de todos os participantes do mercado de comércio de direitos de emissão de carbono nacional, o governo chinês organizou e formulou o "Registro de Direitos de Emissão de Carbono".

**Link 1:** <https://oglobo.globo.com/brasil/um-so-planeta/china-abre-mercado-nacional-de-carbono-veja-por-que-mundo-inteiro-esta-de-olho-1-25112600>

**Link 2:** [https://news.stcn.com/news/202105/t20210520\\_3250130.html?mc\\_cid=5f07a2c169&mc\\_eid=4051429be4](https://news.stcn.com/news/202105/t20210520_3250130.html?mc_cid=5f07a2c169&mc_eid=4051429be4)

## A luta da China contra a mudança climática e a degradação ambiental

As emissões de carbono da China ameaçam os esforços globais para combater as mudanças climáticas. Sua degradação ambiental mais ampla ameaça o crescimento econômico, a saúde pública e a legitimidade do governo. As políticas de Pequim são suficientes?

**Link:** <https://www.cfr.org/backgrounders/china-climate-change-policies-environmental-degradation>

## Nova bolsa global de carbono com sede em Cingapura

Os planos para uma nova troca global de carbono e mercado que será sediada em Cingapura foram revelados no dia 20 de maio como parte dos esforços para enfrentar ainda mais as mudanças climáticas.

**Link:**

<https://www.channelnewsasia.com/news/business/new-global-carbon-exchange-to-be-headquartered-in-singapore-14849056>

## O Ministro Kajiyama anunciou a Iniciativa de Transição de Energia da Ásia (AETI)

O Sr. Kajiyama Hiroshi, Ministro da Economia, Comércio e Indústria do Japão, fez um novo anúncio sobre a Iniciativa de Transição de Energia da Ásia (AETI) na Semana de Negócios ASEAN-Japão realizada de 24 a 28 de maio.

**Link:**

[https://www.meti.go.jp/english/press/2021/0528\\_002.html](https://www.meti.go.jp/english/press/2021/0528_002.html)

## JUNHO

### China alerta dois terços das regiões para o não cumprimento de metas de energia

O planejador estatal da China alertou os governos provinciais e regionais contra o descumprimento de suas metas de consumo de energia e eficiência para 2021, depois que dois terços deles ficaram aquém de pelo menos algumas de suas metas no primeiro trimestre.

**Link:**

[https://www.reuters.com/business/energy/china-warns-two-thirds-regions-missing-energy-targets-2021-06-03/?mc\\_cid=b5f56f10e4&mc\\_eid=4051429be4](https://www.reuters.com/business/energy/china-warns-two-thirds-regions-missing-energy-targets-2021-06-03/?mc_cid=b5f56f10e4&mc_eid=4051429be4)

### China tornará obrigatória a divulgação de informações climáticas

A China pretende tornar obrigatória a divulgação de informações sobre o clima e as emissões de carbono no futuro, depois de primeiro testá-la com alguns bancos comerciais e empresas listadas, disse o governador do banco central Yi Gang.

**Link:**

[https://www.bloomberg.com/news/articles/2021-06-04/china-to-make-climate-information-disclosure-mandatory-yi-says?sref=npQiEL5j&mc\\_cid=ca8700578d&mc\\_eid=4051429be4](https://www.bloomberg.com/news/articles/2021-06-04/china-to-make-climate-information-disclosure-mandatory-yi-says?sref=npQiEL5j&mc_cid=ca8700578d&mc_eid=4051429be4)



## "A China não deve impor cláusulas de sustentabilidade que prejudiquem sua segurança alimentar"

A assessora especial do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento do Brasil e chefe do Núcleo China, Larissa Wachholz, em entrevista ao Diálogo Chino, afirma ter convicção de que o 14º Plano Quinquenal da China não restringirá exportações de carne e soja brasileiros ao país, isto porque na visão dela a China não criará dificuldades para si mesmo, já que estes produtos são essenciais para a sua segurança alimentar; Wachholz também acredita que o 14º Plano vai trazer oportunidades em direção a sustentabilidade, como investimentos chineses no Brasil, afinal este já possui técnicas de redução de emissão de carbono, seja no setor agrícola, como a carne neutra em carbono, seja em outros, como o biodiesel.

**Link:** <https://dialogochino.net/en/agriculture/43925-china-should-not-impose-sustainability-clauses-that-hinder-its-food-security/>

## EUA proíbe importação de material de painel solar de empresa chinesa por causa de alegações de trabalho forçado de Xinjiang

Devido a alegações de trabalho forçado e desumano, sobretudo com grupos minoritários, como uigures, em Xinjiang, na *Hoshine Silicon Industry*, o EUA proibiu importação de silício monocristalino e polissilício, importantes materiais dos painéis solares, desta empresa. Assim, *Hoshine Silicon Industry* se juntou a outras já proibida no país estadunidense, como a *Xinjiang Daqo New Energy* e a *XPCC*.

**Link:** <https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/3138513/us-bans-imports-solar-panel-material-chinese-company-over>

## Indígenas denunciam extrações de gigantes do petróleo chinês na Floresta Amazônica do Peru

O Bloco 58 é um bloco de petróleo e gás natural localizado no sul do Peru, na província de Cusco, com quase 4 trilhões de pés cúbicos de reservas de gás e tem sido um importante centro de investimentos nas últimas décadas, especialmente para a empresa chinesa de petróleo e gás China National Petroleum Corporation (CNPC). O Bloco 58 também se sobrepõe às reservas naturais protegidas da floresta amazônica, bem como aos territórios tradicionais de várias comunidades indígenas, como Tangoshiari, Kirigueta e Kochiri.

**Link:** <https://globalvoices.org/2021/06/07/indigenous-people-denounce-chinese-oil-giants-extractions-in-peru-amazon-forest/#>



## JULHO

### À medida que a China caminha em direção às emissões líquidas zero, o mundo está pronto para o impacto econômico?

Os mercados de combustíveis fósseis em todo o mundo podem começar a sentir o impacto do compromisso zero líquido da China nos próximos anos. Se os países vão colher os benefícios de uma China com zero carbono, no entanto, depende de seu perfil de exportação e de sua prontidão para descarbonizar internamente.

**Link:** <https://www.scmp.com/comment/opinion/article/3141396/china-moves-towards-net-zero-emissions-world-ready-economic-impact>

### China evita projetos de carvão em Belt and Road pela primeira vez, diz think tank de finanças verdes

A China não financiou nenhum projeto de carvão por meio de sua *Belt and Road Initiative* no primeiro semestre, a primeira vez que isso aconteceu desde que o plano foi lançado em 2013, disse o *International Institute of Green Finance* em um relatório.

**Link:** [https://www.straitstimes.com/world/china-avoids-coal-projects-in-belt-and-road-for-first-time-says-green-finance-think-tank?mc\\_cid=565333d263&mc\\_eid=66598b1a14](https://www.straitstimes.com/world/china-avoids-coal-projects-in-belt-and-road-for-first-time-says-green-finance-think-tank?mc_cid=565333d263&mc_eid=66598b1a14)

## AGOSTO

### Brasil se consolida como principal destino sul-americano de investimentos chineses, mostra estudo inédito

Estudo divulgado pelo Conselho Empresarial Brasil-China aponta que, desde 2007, empresas chinesas já efetivaram 176 empreendimentos no Brasil, 31% deles no setor de energia elétrica. *State Grid* e *China Three Gorges*, duas gigantes estatais na área de eletricidade, mantêm por aqui suas maiores fatias de investimento fora da China, com 48% e 60% respectivamente.

**Link:** <https://chinaterradomeio.blogfolha.uol.com.br/2021/08/05/brasil-se-consolida-como-principal-destino-sul-americano-de-investimentos-chineses-mostra-estudo-inedito/>



### 5° Seminário Pesquisar a China Contemporânea

Promovido pelo Grupo de Estudos Brasil China da UNICAMP, o encontro anual reúne pós-graduandos e jovens pesquisadores brasileiros dedicados aos Estudos da China. Este seminário tem como objetivo dar visibilidade aos pesquisadores que estão iniciando sua jornada nos estudos sobre a China e promover cooperações e trabalho colaborativo em direção à construção de uma perspectiva brasileira sobre a China nas mais diferentes áreas do conhecimento (Ciências Sociais e Humanidades, Relações Internacionais, Economia, Política, Demografia, Estudos Ambientais, História, Filosofia, entre outros).

**Data:** 09 e 10 de setembro

**Link:** <https://chinabrasilunicamp.wixsite.com/2021>

### 4° Seminário Sino-Brasileiro

Promovido pelo Centro de Pesquisas Socioeconômicas do Instituto Confúcio da Universidade de Pernambuco, o seminário irá debater os seguintes temas:

- Presente e futuro no cenário de crise ambiental
- Segurança alimentar
- Transformação digital
- Xi Jinping e a civilização ecológica

**Data:** 18 e 19 de novembro

### I Seminário Internacional do Centro de Estudos Avançados - Coordenadoria de Ásia (CEÁSIA)

O I Seminário Internacional do Centro de Estudos Avançados - Coordenadoria de Ásia (CEÁSIA), intitulado “Nova ordem, velhos consensos”, ocorrerá nos dias 26, 27, 28 e 29 de outubro de 2021 e receberá submissões de trabalhos das diversas áreas das ciências sociais e humanas que versem sobre a temática do sul global e o continente asiático em perspectiva. O evento faz parte das atividades de inauguração do Centro de Estudos Avançados da Universidade Federal de Pernambuco e será organizado pela Coordenadoria de Ásia (Ceásia).

**Data:** 26, 27, 28 e 29 de outubro

**Saiba mais informações acompanhando nossas redes sociais:** <https://www.instagram.com/ceasiaufpe/>

### Encontro anual da Rede Brasileira de Estudos da China - RBChina

Mais informações em breve.

**Previsão de data:** outubro



